

O PORTEIRO DE MACBETH
E O REFUGIO DE MONTAIGNE

Ricardo Luiz de Souza

O PORTEIRO DE MACBETH
E O REFUGIO DE MONTAIGNE

editora
cajuína

Uma faca é o mais substancial, o mais imortal dos objetos, a obra mais genial de todas as que o homem criou. A faca serviu de guilhotina, a faca é o modo universal de cortar todos os problemas intrincados e a vereda dos paradoxos fica no gume afiado duma faca, e é o único caminho digno dum espírito sem medo.

[*Zamiatin*]

Coordenação editorial
Lygia Caselato

Design editorial
Wilbett Oliveira

Diagramação eletrônica
Editoria Cajuína

Capa:
Wilbett Oliveira

1ª edição
Julho de 2021

Contato com o autor:
riclsouza@uol.com.br

editoria
cajuína

Copyright by © 2021
Ricardo Luiz de Souza
Todos os direitos reservados.
Rua José Giorgi, 600 Bl. 18/33
Granja Viana II - 06701-100 - Cotia, SP
Telefones: (11) 4777-0123 - 97360-1609
Site: www.cajuinaeditora.com.br
E-mail: contato@editoracajuina.com.br
Facebook/Instagram: editoracajuina

[CIP]

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação)

Souza, Ricardo Luiz de

S729p O porteiro de Macbeth e o refúgio de Montaigne. Ricardo Luiz de Souza. 1ª edição - Cotia, SP, Editora Cajuína, 2021.

ISBN 978-65-86270-77-8

1. Literatura: ensaios. 2. Crítica literária. 3. Macbeth 4. Montaigne
I Ricardo Luiz de Souza Titulo

CDD B869.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Crítica literatura
2. Literária: ensaios

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 — ESTRATÉGIAS DO CONHECIMENTO	
O ACASO COMO MÉTODO E O EU COMO TEMA.....	15
A ERUDIÇÃO EM QUESTÃO.....	26
OS LIMITES DA RAZÃO.....	45
CONHECIMENTO E CETICISMO.....	55
CAPÍTULO 2 — A CONSTRUÇÃO DA MORAL	
A VIRTUDE E O VÍCIO.....	75
A VAIDADE, A REPUTAÇÃO E A HONRA.....	87
UM MUNDO CORROMPIDO.....	98
A FILOSOFIA DO PRAZER.....	109
A AMIZADE E O AMOR.....	118
O CANIBAL E A UTOPIA.....	128
CAPÍTULO 3 — OS SENTIDOS DA RELIGIÃO	
CONHECIMENTO E FÉ.....	139
A CONDIÇÃO HUMANA E A FÉ.....	153
Hamlet define o ser humano.....	153
CAPÍTULO 4 — O ESPAÇO DO PODER	
UM OLHAR ARISTOCRÁTICO.....	171
OS RISCOS DA MUDANÇA.....	191
AS APARÊNCIAS DO PODER.....	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS	221

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo efetuar um estudo dos *Ensaio*s de Montaigne em contraponto com as peças de Shakespeare. Cada autor será abordado em sua especificidade, mas serão definidas, igualmente, convergências entre as obras de ambos, pontos de contato e de contraste. Shakespeare e Montaigne foram contemporâneos, o segundo não conheceu o primeiro, mas Shakespeare leu Montaigne.

A primeira tradução dos *Ensaio*s – a chamada Florio's Translation foi publicada na Inglaterra em 1603. E Robertson (2004, p. 12) coloca a hipótese de Shakespeare ter visto partes da tradução mesmo antes de 1603, ou ter lido Montaigne no original. Robertson (2004, p. 25) coloca, ainda, a existência de curiosas similaridades entre trechos de Hamlet e trechos dos *Ensaio*s. E Honan (2001, p. 414) acentua:

O fato de Shakespeare ter lido os *Ensaio*s perspicazes e autolisonjeiros de Montaigne – com atenção o bastante, aparentemente, para tomar emprestadas algumas ideias da obra – pode ser encarado como sinal de uma mudança de perspectiva. Tal mudança envolveu um aumento de sua autoconfiança, um autofortalecimento que trouxe consigo uma nova interpretação, e até mesmo uma atitude mais ousada, mais questionadora, em relação aos valores populares.

Mais, contudo, que buscar influências diretas, são as contiguidades entre as ideias e concepção do mundo de ambos os autores que pretendo abordar.

Octavio Paz (1982, p. 262) assinala, por exemplo, a influência de Montaigne sobre os elisabetanos, comparando-a a influên-

cia de Homero sobre os trágicos gregos e da neoescolástica sobre os espanhóis. Segundo ele, “a Europa dá aos poetas ingleses uma filosofia, concebida não tanto como um conjunto de doutrinas, mas como uma maneira de entender o mundo e os homens”. E há, de fato, uma maneira de ver o mundo compartilhada por Shakespeare e por Montaigne.

Será feito, ainda, uma análise da obra de La Boétie, na qual demonstrarei como o pensamento político do autor definiu, em linhas gerais, o pensamento político de Montaigne, tanto em sua crítica radical do poder estabelecido quanto em sua completa falta de ilusões em relação às intenções e motivos dos poderosos. E, paradoxalmente, em seu conservadorismo.

E, finalmente, será delineada uma linha de continuidade entre os *Ensaaios*, escritos no final do século XVI, e as obras de La Rochefoucauld e Vauvenargues, escritas no século XVIII. O caráter fragmentário das obras escritas por ambos retoma a estrutura do texto de Montaigne, mas, principalmente, ambos introduzem o ceticismo do autor em um horizonte intelectual dominado pelo Iluminismo, questionando, com isto, as certezas da razão.

Montaigne, afinal segundo Taguieff (1981, p. 207), inaugura a tradição desmistificadora seguida por La Rochefoucauld. E, segundo Villey (1933, v. II, p. 452), La Rochefoucauld usufruía o gosto pelas ideias de Montaigne, bem como o pequeno círculo que o acompanhava. E em comum entre ambos os autores há, ainda, o fato de serem eles criadores de gêneros literários. Mack (1996, p. 95) descreve o ensaio como o mais importante gênero surgido no século XVI, tendo sido Montaigne o seu criador. E após a publicação das *Máximas* de La Rochefoucauld, segundo Picard (1943, p. 135), as imitações se multiplicaram e um novo gênero literário fora criado. Já Vauvenargues foi leitura da predileção de Stendhal, que teria seu gênio literário valorizado décadas após sua morte. E foi este o mesmo destino de Vauvenargues.

Segundo Boon (1971, p. 56), nunca haverá uma resposta satisfatória para a pergunta: o que levou Montaigne a escrever? Já Shakespeare foi um homem de teatro que escolheu sua profissão e

escreveu para ela; para que suas peças fossem encenadas. Os dois primeiros livros dos *Ensaíos* surgiram em 1580, o terceiro foi publicado oito anos depois e a edição completa é póstuma. E há diferenças evidentes, em termos de estilo, conteúdo e estrutura entre os primeiros e os últimos ensaios, sendo que também na obra de Shakespeare tais mudanças são visíveis. Segundo Chambers (1964, p. 177), por 8 ou 9 anos Shakespeare dedicou-se a analisar o mal vitorioso, as desilusões, a ineficácia da humanidade. E assim, segundo Chambers (1964, p. 223), a profunda clivagem na história mental de Shakespeare, ocorrida em 1607-8, deve ter sido devida a alguma crise espiritual em relação a qual apenas é possível estabelecer vagas conjecturas.

As ideias de Montaigne são banais? Tournon (2004, p. 87) debruça-se sobre esta questão, e ressalta:

Estas ideias podem parecer bem banais, não somente porque foram retomadas e repetidas à saciedade, ulteriormente, pela maioria dos moralistas clássicos, mas também porque numerosas dentre elas pertencem a um fundo comum de sabedoria constituído bem antes deles, e antes de Montaigne.

A obra de Montaigne, se representa, desta forma, uma continuidade perante a herança cultural que a fundamenta, gerou, contudo, uma ruptura de fundamental importância, e ruptura que será sinalizada e analisada ao longo do presente texto. Os *Ensaíos*, segundo Villey (1933, v. II, p. 3), como uma obra isolada em seu século, são originais sob todos os pontos de vista. E, segundo Shaeffer (1994, p. 117), o relativismo de Montaigne e a importância que ele atribui à sua própria experiência, bem como seu projeto de escrever sobre sua própria vida de um francês do século XVI encarnou uma real ruptura com o passado. E tal ruptura tem como fundamento o tema escolhido pelo autor: a banalidade de sua vida, que se torna extraordinária a partir do momento em que é dissecada por quem a vive e escreve sobre ela.

Ter feito isto aproximou o autor dos homens comuns de todos os tempos; de nós, inclusive. Gerou uma familiaridade e uma

proximidade que Auerbach (1971, p. 183) acentua: “Presumo que todos os que lêem Montaigne em profundidade, têm a mesma experiência que eu tive: depois de tê-lo lido durante um certo tempo e de ter adquirido uma certa familiaridade com a sua maneira de escrever, parecia-me ouvi-lo falar e ver os seus gestos”. Mas esta proximidade é enganosa.

Compagnon (1993, p. 46) define o anacronismo como uma interpretação alegórica do passado em função do presente ou do futuro, como uma leitura do antigo a partir do modelo do novo. E é uma leitura anacrônica dos *Ensaíes* a partir da proximidade que a leitura provoca que deve ser evitada. Ginzburg (2007, p. 53) adverte em relação a tal proximidade: “Mas é uma impressão enganadora: Montaigne escapa de nós. Devemos tentar aproximar-nos dele partindo das suas categorias, não das nossas”. E Burke (2006, p. 102) acentua: “Precisamos lembrar que não é um de nós, de que seu fideísmo, por exemplo, ou seu emprego da Antiguidade clássica como ponto de referência o colocam à parte de nós”.

Ao longo do século XVIII a obra de Montaigne foi, segundo Marchi (2000, p. 150), envolvida em muitos dos importantes debates do período, sendo muitas vezes admirada como a expressão de um livre-pensador e, outras vezes, tendo seu método discursivo condenado como irracional. Mas o reconhecimento pleno de seu valor literário ocorreria apenas séculos após sua morte. Assim, foi no século XIX, ainda segundo Marchi (1994, p. 77), que Montaigne deixou de ser visto na França como um autor ingênuo e desordenado, com seu estilo único sendo aceito e com ele sendo proclamado como um dos mestres da literatura francesa.

Mas ele é um autor cada vez mais atual e cada vez mais moderno. Segundo Schaeffer (2002, p. 121), o apelo ético de Montaigne, em nossos tempos, tem dois aspectos: sua compaixão e aversão à crueldade, e sua sinceridade ou “autenticidade”. E em uma época de massacres e mentiras, estes são apelos que ecoam muitas vezes de forma dolorosa. E Marchi (1994, p. 292) acentua uma série de aspectos dos *Ensaíes* que possuem congruência com a escrita literária elaborada na modernidade: a fluidez máxima, o

discurso caracterizado pela pluralidade de códigos, a dispersão de ideias em meio a diversos fragmentos.

Já a influência e a fama de Shakespeare simplesmente não podem ser mensuradas, bastando citar, de forma aleatória, as palavras de outro gigante a seu respeito. Goethe (2008, p. 53) acentua: “Ele rivaliza com Prometeu, imitando seu modo de formar os homens passo a passo, numa grandeza colossal. É por isso que reconhecemos nossos irmãos. E então lhes dá vida com um sopro de seu espírito. Ele fala a partir de todos, e é possível reconhecer neles a afinidade”. E acentua: “Shakespeare se reúne ao espírito do mundo. Ele penetra o mundo como faz esse espírito”.

Sua obra é e sempre foi uma arma política. Shakespeare, na definição de Hawkes (2002, p. 44), é uma poderosa arma ideológica, sempre disponível em períodos de crise e utilizada de acordo com as exigências do tempo para resolver áreas de indeterminação. E, segundo Cavanagh (2001, p. 72), a extraordinária história da difusão dos textos de Shakespeare permite que estes textos sejam investigados como fontes que ajudaram a retificar normas sociais subsequentes e valores culturais.

Por fim, o processo de absorção e análise de seus textos, é secular, passando por fases as mais diversas. Assim, segundo Frye (1986, p. 119), se a peça central de Shakespeare para o século XIX foi *Hamlet*, no século XX o sentimento de absurdo e alienação tendeu a desviar o foco para *Rei Lear*. E, segundo Hunt (2007, p. 131), o esforço de desenvolver uma abordagem científica para interpretar *Hamlet*, baseada mais no método que na emoção, tornou-se denominador comum entre os comentaristas do século XIX.

Neste processo, qualquer nova abordagem tende a ser irrisória a partir dos esforços já despendidos. Mas meu objetivo – e seria pretensão excessiva propô-lo – não é promover uma leitura original das peças de Shakespeare, mas apenas e tão somente efetuar uma leitura comparativa entre a sua obra e a obra de Montaigne.